

Os quatro que restaram

Eleição Presidencial

1988 AGO 06

Ricardo Noblat

A parte à decisão tomada ontem à noite pelo Tribunal Superior Eleitoral, nada na sucessão presidencial será como era antes do lançamento da candidatura do empresário Sílvio Santos. O golpe da candidatura de última hora foi aplicado para virar pelo avesso o desfecho provável da sucessão — mas caso terminasse abortado, como terminou, serviria, pelo menos, para embolar as chances dos candidatos favoritos às vésperas do dia da eleição.

Foi um golpe concebido para confundir — não para clarear coisa alguma. Como tal, deu certo. Salvo uma mudança brusca e improvável do quadro eleitoral até a próxima quarta-feira, ninguém que se disponha a ser sensato poderá apontar com segurança que candidatos deverão se classificar para a disputa do segundo turno. Todos perderam com a entrada em cena do dono do Sistema Brasileiro de Televisão.

O “efeito Sílvio Santos” produziu consequências de toda ordem. Collor de Mello foi o candidato que perdeu mais votos — justamente entre os eleitores menos instruídos e mais pobres, onde ele repousava toda sua força. Por açodamento, imaturidade e despreparo, Collor reagiu a Sílvio deflagrando uma guerra aberta, dura e suja contra o presidente da República. Cometeu um gesto temerário. Ainda não sabe se ganhou com ele.

Ou se perdeu. A eficiente assessoria de comunicação do candidato Mário Covas conseguiu disseminar a impressão de que ele fora o único a nada ou a pouco perder com a tentativa de Sílvio de transformar o país em uma extensão do auditório dele. Covas ia bem, e segue cada vez melhor, entre os eleitores de maior instrução e de mais alta renda. Ali, Sílvio teria uma grande dificuldade de penetrar. A constatação tinha sua lógica.

Ocorre que Covas só passará para o segundo turno se crescer mais embaixo. A estréia de Sílvio no palco da sucessão bloqueou ou, no mínimo, retardou o crescimento de Covas mais embaixo e mesmo no meio. Parecia estar em formação, a 15 ou 20 dias da eleição,



uma espécie de “nova onda” capaz de favorecer o candidato do PSDB. A onda ficou suspensa. Não arrebentou. Poderá arrebentar ou não até quarta-feira.

O ex-deputado Paulo Maluf não era candidato a emprestar seu nome a nenhum novo tipo de onda — mas deslizava mansamente e, em momentos de delírio, até se imaginava sentado na cadeira hoje ocupada pelo presidente José Sarney. Ocupada mal, repita-se. Ou vazia, se preferirem. Sílvio provocou marolas no mar de Maluf. O candidato amanheceu ontem apostando em um possível apoio de Sílvio ao nome dele.

Quem aposta na possibilidade de Maluf se eleger? Onde ele, realmente, tem votos, em São Paulo, foi atropelado por Sílvio — e, agora, está sendo atropelado por Covas. Ao que tudo indica, os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola foram os que sobreviveram com menos arranhões à tentativa de se criar um fato novo na sucessão de Sarney. Lula arranhou-se mais com a história da Lubeca e da favela “Nova República”.

Prepara-se, agora, para dar a volta por cima da Lubeca. De todo modo, o digamos “efeito Lubeca” deteve o crescimento de Lula que poderia, a essa altura, já ter livrado vários corpos de vantagem sobre o candidato do PDT. A Lubeca repôs a questão das brigas internas do PT, o que não foi nada bom para o partido e seu candidato às vésperas da eleição. Naturalmente, foi bom para Brizola, aflito com a hipótese de ser vencido por Lula.

Dizem os especialistas em pesquisas eleitorais que, uma vez que abandone um candidato no qual se fixara, o eleitor não costuma retornar a ele — mais ainda se o tiver largado por outro candidato. Sílvio ganhou votos entre os indecisos mas também tomou votos que já tinham dono. Vai ficar uma certa quantidade de votos soltos no ar, sem pai nem mãe até o dia 15. Esses votos se somarão àqueles que se declaram indecisos e que só se definirão na última hora.

Há mais de 20% do eleitorado que insiste em dizer, conforme registram algumas pesquisas, que só escolherão em quem votar no dia da eleição. Collor, Lula, Brizola e Covas querem se beneficiar desses votos. Entre os quatro, encontram-se os dois que irão duelar no turno final. A direita perdeu ontem a chance de emplacar dois candidatos no segundo turno. A esquerda conserva a chance. O que parecia absurdo, deixou de ser.